

**RESENHA DA OBRA*****O MODO DE PENSAR BURGUESES: EPISTEME BURGUESA E EPISTEME MARXISTA***  
**(VIANA, 2018)**

Giulia Maria Barossi\*

O livro que será apresentado, de forma descritiva e crítica, se intitula **O modo de pensar burguês: episteme burguesa e episteme marxista** de autoria de Nildo Viana. A obra foi publicada pela Editora CRV no ano de 2018.

O autor e professor, Nildo Silva Viana, possui doutorado em sociologia pela Universidade de Brasília, pós-doutorado pela Universidade de São Paulo e é graduado em ciências sociais pela Universidade Federal de Goiás.

O livro está estruturado em quatro partes principais, divididas em cinco capítulos. A primeira parte apresenta os conceitos fundamentais de episteme e seus respectivos campos mentais. A segunda parte aprofunda as questões inerentes à episteme burguesa, suas particularidades, história e paradigmas. A terceira apresenta de forma pormenorizada a episteme marxista, do ponto de vista de sua formação, desenvolvimento e campos mentais. Por fim, a quarta parte contrapõe as epistemes previamente esmiuçadas, visando compreender a luta cultural travada entre ambas. A partir desta estrutura, o objetivo do autor foi refletir acerca da episteme burguesa e da episteme marxista, o que fornecerá as bases para análises posteriores sobre as renovações hegemônicas na história do capitalismo.

A obra contribui com a observação do modo de pensar burguês e proletário-revolucionário através do último, que é a episteme autoconsciente, antagônica à episteme burguesa.

O primeiro capítulo (“Episteme e campos mentais”) introduz os conceitos fundamentais acerca de episteme, demonstrando que se trata de uma infraestrutura de pensamento que tem sua origem no saber noosférico, mas se impõe nas representações cotidianas. A partir disso, o autor faz breves apontamentos e diferenciações entre a episteme burguesa e a episteme marxista, com o intuito de ilustrar suas proposições e indicar algumas diferenças iniciais entre elas. Com isso, parte para a explicação dos campos mentais que, em conjunto, formam uma episteme, esmiuçando os campos linguístico, axiomático, analítico e perceptivo.

---

\* Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia/PGSOCIO do Departamento de Sociologia/DECISO - Universidade Federal do Paraná/UFPR.

O campo linguístico é formado pelo campo lexical e semântico, e nesta oportunidade, Nildo Viana aproveita para demarcar a contraposição ao entendimento de Terwilliger de que, são as palavras e as ideias que geram a realidade, pois, na episteme marxista, é a realidade que gera a palavra. No que concerne ao campo axiomático, indica que é a parte da episteme que expressa os valores e desvalores, conseqüentemente, demonstrando os interesses inerentes e gerando um processo de autolegitimação e autovalorização da episteme, por meio de processos de censura, autocensura e proscricção.

Por sua vez, o campo analítico constitui um corpus de análise que pode ser tanto a realidade, quanto aspectos dela. Este campo possui formas de assimilação: a universalização e a hierarquização. Por fim, o campo perceptivo da episteme é o conjunto dos fenômenos que podem ser percebidos a partir da episteme, sendo mais amplo do que um paradigma ou uma ideologia. O autor exemplifica tal episteme ao afirmar que Aristóteles percebia a estética, a política, a botânica, a ética, entre outros, mas não vislumbrava a possibilidade de existência do pós-escravagismo, da mesma forma que a episteme burguesa não pode conceber o pós-capitalismo por seu campo perceptivo. Portanto, é importante destacar que, o que é observado pelo campo perceptivo não é necessariamente o que existe, sendo o exemplo mais ordinário da constituição de um campo perceptivo, a ideologia. Viana demonstra que os campos não são autônomos entre si, pois se influenciam mutuamente, na medida em que o campo linguístico é determinante para o campo perceptivo, por exemplo.

O segundo (“Episteme burguesa”) e o terceiro capítulo (“Paradigmas, hegemonia e renovações hegemônicas”) tratam sobre a episteme burguesa, de modo que, no capítulo dois, o autor esclarece que a episteme burguesa é imperceptível através da perspectiva burguesa, sendo necessária a emergência de outra episteme para que a primeira seja devidamente analisada, qual seja a episteme marxista. A episteme burguesa surge com a formação da sociedade capitalista, remetendo ao modo de produção capitalista e a burguesia como classe dominante. Assim, conforme a necessidade, é gestada uma nova cultura, um novo saber noosférico, isto é, a ciência.

O campo axiomático da episteme burguesa é responsável pela geração de um compilado de interesses e valores que são traduzidos nas ideologias burguesas, que incorrem na naturalização das relações sociais existentes, tais como a competição, a mercantilização e a burocratização. É neste campo que manifesta a mentalidade burguesa e que se excluem os valores antagônicos por meio de censura, convertendo-os em desvalores. Nildo Viana aponta Descartes e Bacon como os fornecedores dos elementos de formação do campo axiomático do modo de pensar burguês, que se consolida posteriormente com o iluminismo, liberalismo e com

a filosofia alemã. Assim, pode-se dizer que neste campo subsistem os valores explícitos, implícitos e ocultos.

O campo linguístico da episteme burguesa fornece os construtos para a episteme com a apresentação de sujeito, objeto, neutralidade, entre outros, pois a linguagem é palco da luta de classes em torno dos signos. O autor exemplifica com os pares antinômicos como realismo e idealismo, dogmatismo e ceticismo e afirma que o campo linguístico produz limites intransponíveis e por isso deve ser limitado. Por sua vez, o campo analítico possui três elementos constitutivos: o anistorismo, o antinomismo e o reducionismo, que visam negar a totalidade e são ressignificados para harmonizarem com a episteme burguesa. Por fim, o campo perceptivo da episteme burguesa é delimitado pelos demais campos, sendo o menos autônomo de todos. Apresenta formas de negar a totalidade concreta e transformar as classes em simples processos classificatórios abstratos, buscando absorver o marxismo e minar sua potência enquanto teoria revolucionária a partir da exclusão da história do campo perceptivo da episteme burguesa.

No terceiro capítulo, o autor discorre sobre paradigmas, hegemonia e renovações hegemônicas. Primeiramente, é apresentado que em todos os paradigmas e ideologias se manifestam os elementos do campo analítico, sendo que ambos são originados pela episteme burguesa. Assim, de forma didática, Viana afirma que, o modo de produção capitalista é a essência, enquanto cada regime de acumulação é um paradigma hegemônico.

Paradigma é um modo de pensar gerado por uma episteme que assume uma forma particular, elabora campos mentais próprios e recebe certo reconhecimento coletivo. É a partir deles que são geradas as ideologias. A ideologia, na concepção marxista, é um sistema ilusório com “momentos de verdade”, demonstrando a realidade de forma invertida, sendo prisioneiras do momento e correspondentes a subdivisões do pensamento burguês.

Os paradigmas hegemônicos se referem aos regimes de acumulação e, portanto, segundo o autor é muito raro que indivíduos mudem de paradigma apesar de eventualmente mudarem de ideologia. A hegemonia é uma vigência cultural que se caracteriza pelo predomínio de uma determinada mentalidade e episteme, que se impõe à sociedade ou a setores da sociedade. A hegemonia pressupõe processos de constituição que são a dominação, a inércia, a confluência e a autoformação. Enquanto as hegemonias burguesa e burocrática se constituem na dominação e na inércia, a hegemonia proletária se fundamenta na confluência e na autoformação, fundindo a teoria da episteme marxista com a consciência revolucionária da classe proletária.

As transformações na hegemonia burguesa ocorrem sem alterar sua essência, pois subsiste a manutenção da mentalidade burguesa, portanto, as renovações hegemônicas são

mudanças nos elementos derivados, que se traduz na substituição de um paradigma hegemônico por um novo paradigma. Viana ilustra isso a partir da inferência de que a propriedade privada é um valor permanente, mas o aparato estatal pode se transformar em um desvalor. Processos de readequação em consonância com as alterações do regime de acumulação se impõe como necessidade do capital e, deste modo, podem se efetivar quando necessário, mas enfrentarão a resistência da inércia cultural. Com isso, o autor apresenta que a convergência cultural é um processo no qual a renovação hegemônica se espalha por diversas manifestações culturais, pois quando, na esfera científica e filosófica, surge um novo paradigma, ele se espalha pela sociedade e passa a ser reproduzido em outras esferas.

No quarto capítulo (“A revolução epistêmica de Marx”) o autor desenvolve sua análise sobre a episteme marxista e suas características, apresentando a revolução epistêmica de Marx que foi possibilitada pelas brechas da luta de classes. A formação da episteme marxista teve como ponto de partida o campo axiomático, por meio da constituição do proletariado enquanto classe, de sua luta e, por fim, da formação humanista de Marx. A episteme marxista se desenvolve pela consolidação do campo axiomático humanista radical, com os interesses do proletariado, caminhando para a formação dos demais campos. Segundo Viana, com a morte de Marx, a episteme marxista perdeu o seu principal desenvolvedor e, a partir disso, surgiram deformadores do campo analítico marxista, que se relaciona com as deformações no campo axiomático pela socialdemocracia alemã. Assim, o autor propõe a utilização do termo autogestão como substituto de comunismo em razão da deformação do primeiro termo.

O campo linguístico da episteme marxista assimila termos já existentes, trabalhando sua ressignificação, assim como com a criação lexical. Deste modo, conceitos novos são criados da mesma forma que outros ganham novos significados. O campo lexical marxista é inesgotável e avançará com a ampliação de suas teorias, excluindo constructos que promovem a inversão da realidade. Ainda, o campo semântico da episteme marxista é apresentado como bastante complexo, tendo em vista que a complexidade da realidade gera a complexidade dos conceitos, como é o caso do conceito de classe social, por exemplo.

Destarte, o campo axiomático marxista realiza o processo de censura, autocensura e proscricção dos valores burgueses que possuem um conteúdo radicalmente diferente, pois são antagônicos aos interesses do campo axiomático marxista. Este é um campo muito mais crítico do que autolegitimador, uma vez que sua legitimidade prescinde de adornos e perfumarias.

O campo analítico marxista emerge a partir do campo axiomático, sendo conhecido como método dialético que apresenta como categorias fundamentais da dialética marxista a totalidade, historicidade e radicalidade e possui como base teórica o materialismo histórico. A

radicalidade pressupõe buscar a raiz e, segundo Marx (apud VIANA, 2018, p. 114), a raiz para o homem é o próprio homem. Viana destaca como a historicidade da episteme burguesa não passa de uma falsificação, do mesmo modo em que há um reducionismo da totalidade. Por fim, o campo perceptivo marxista é igualmente infinito, remetendo à radicalidade, totalidade e historicidade. Incluindo tanto a realidade social quanto a natural. O marxismo institui uma possibilidade de futuro pós-capitalista.

No quinto capítulo (“Episteme marxista, episteme burguesa e luta cultural”), o autor apresenta uma das questões fundamentais para a compreensão da relação entre a episteme burguesa e a episteme marxista que é a luta cultural. Esta luta é parte constituinte da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, sendo um obstáculo para o desenvolvimento da episteme marxista.

Em seguida, Viana discorre sobre a marginalização e os empecilhos para a compreensão da episteme marxista em razão da limitação da consciência dos indivíduos pela episteme burguesa e sua hegemonia que, ao apontar a episteme marxista como não científica, corrobora com este cenário, tendo em vista o prestígio que a ciência recebe na sociedade capitalista. Em cada regime de acumulação o marxismo é criticado por um prisma diferente, o que caracteriza a história das interpretações do marxismo na sociedade capitalista e, por trás dessas críticas, está sempre a episteme burguesa.

Ainda, o autor analisa a marginalização da episteme marxista apontando os problemas do que ele chama de pseudomarxismo e de oposicionismo, sendo que o primeiro reduz o marxismo a uma ciência através da indicação da antinomia “ciência burguesa”/“ciência proletária” e, portanto, as tradições relacionadas a ele (leininistas e kautskistas) não rompem com a episteme burguesa, pelo contrário demonstram uma adesão a esse modo de pensar. Por sua vez, o oposicionismo é representado, na obra de Viana, pelo anarquismo que, por não possuir um saber noosférico, não rompe com as ideologias e paradigmas burgueses, utilizando-os como base intelectual, o que demonstra uma verdadeira falta de autonomia.

A luta cultural do proletariado é prejudicada por uma série de questões, incluindo o conjunto de organizações burocráticas e as contradições no próprio movimento operário. Para que a consciência revolucionária seja desenvolvida é preciso ter em perspectiva os elementos fundamentais da episteme marxista que são a totalidade, historicidade e radicalidade. A luta cultural é fundamental e precede o processo revolucionário, o que não se confunde com a conquista da hegemonia proletária, que só pode acontecer após este processo. Contudo, a conquista de hegemonias parciais pode acelerar a transformação radical da sociedade, fundada na autogestão social.

A análise apresenta como resultados elementos importantes para compreender o desenvolvimento da sociedade capitalista, o que será aprofundado em uma obra de continuação dos estudos do livro em observação, que tratará dos significados históricos e sociais da sucessão de paradigmas hegemônicos. Ademais, o objetivo de analisar as epistemes foi efetivado, assim como a abordagem da luta cultural, que contou com a verificação das bases ideológicas do pseudomarxismo e do oposicionismo.

A partir da leitura do livro, fica evidente que, com propriedade, o autor realizou uma análise detalhada da episteme burguesa e da episteme marxista, exemplificando com situações concretas da realidade. Destarte, com uma linguagem acessível, Viana apresentou os campos mentais e desenhou a constituição das epistemes, diferenciando-as e ressaltando as limitações da episteme burguesa na compreensão da realidade e na compreensão de sua própria episteme antagônica.

Ainda, é importante apreciar que, Nildo não se esquivava das polêmicas, em especial com os grupos que se apresentam como os principais representantes da oposição ao capitalismo no cenário político, que são os representantes das tradições leninistas e kautskistas. Assim, com sua “crítica desapiedada”, demarca seu posicionamento em relação às tais teorias, o que irá reverberar em sua atuação política para a transformação radical da sociedade. A presente obra cumpre, brilhantemente, o papel de apresentar e divulgar aos leitores um modo de pensar que não possui muita popularidade na atualidade, por razões que foram inclusive mencionadas na obra, de forma a ampliar os horizontes de pessoas engajadas nos estudos e na militância revolucionária.

O livro esclarece, de forma fundamentada, as diferenças do comunismo autogestionário e as demais tradições que se reivindicam marxistas, focalizando o antagonismo entre a episteme burguesa e a episteme marxista, o que é importante para situar os leitores que se encontram frente às eventuais dúvidas sobre as possibilidades e limitações dos “anticapitalismos”, bem como avançar no enfrentamento ao modo de pensar burguês por meio do fortalecimento embasado do proletariado na luta cultural.

Por fim, sendo importante transformar o cenário evidenciado por Nildo acerca da raridade com que os indivíduos mudam de paradigmas e, mais importante, mudam de episteme, fica para o leitor a curiosidade pelo desenvolvimento aprofundado das possibilidades de atuação na luta cultural, a fim de concretizar a fusão da teoria da episteme marxista com a consciência revolucionária da classe proletária. Obviamente, este ponto inacabado na obra será oportunamente abordado por Nildo Viana na continuação do livro.

A partir da leitura e avaliação, indica-se esta obra, principalmente, aos jovens que estão iniciando seu contato com a luta política e buscando encontrar a tradição que apresente as respostas mais satisfatórias para seus anseios relacionados às possibilidades de luta e superação do capitalismo. Ainda, indica-se este livro para acadêmicos, sobretudo aos que se estudam as áreas abrangidas pelas humanidades, bem como aos demais interessados em entender as diferenças entre episteme burguesa e episteme marxista e os desafios para a superação da primeira.

**Referência:**

VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês – episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV Editora, 2018.